Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL Documentação
Fonte JB (B)
Data 9/10/2001 Pg 8
Class. 504

Todas as cores da Amazônia

Livro reúne imagens e informações de especialistas a respeito da vida exuberante das margens do Rio Negro

MARCOS SÁ CORRÊA
no.com.br

Que a Amazônia pode acabar aprende-se quase diariamente nos jornais brasileiros. Mas foi preciso que o oncologista Drauzio Varella dedicasse muitos anos de sua carreira a pesquisar fórmulas medicinais nas matas da região, para vir de lá a receita contra o fim do mundo: "Se, antes de morrer, me fosse concedido o privilégio da derradeira viagem, voltaria ao Rio Negro mais uma vez. Viajaria de Manaus, rio acima, até São Gabriel da Cachoeira e, se possível, mais longe, na direção da Colômbia. Quinze dias vendo o mundo refletir-se no espelho das águas escuras do rio, o recorte das margens verdes no horizonte, os papagaios no alvorecer e as circunvoluções arrojadas das andorinhas todo final de tarde".

Primeiro parágrafo como esse não é todo livro que tem. Muito menos um livro feito por dois botânicos e 12 especialistas, inspirado em mais de 50 expedições científicas às "florestas mais bem preservadas da Amazônia, por onde corre um rio imenso de águas pretas, maravilhoso". Mas *Florestas do Rio Negro* começa assim, com texto e 18 retratos de caboclos ribeirinhos pelo médico Drauzio Varella, coordenador do Projeto de Pesquisa de Produtos Naturais da Universidade Paulista.

Experiência – Antes dos 10 capítulos colhidos nas viagens do Escola da Natureza, o gaiola de pesquisa da Universidade Paulista e do curso Objetivo, ele apresenta seu entusiasmo pessoal pelo assunto com a autoridade de quem estudou cada parágrafo e a fluência de quem escreveu o best-seller *Estação Carandiru*.

O Negro é o terceiro rio do mundo. Por ele passam 10% das águas da Amazônia, esgueirando-se entre mais de mil ilhas, que transformam seus trechos coalhados de arquipélagos num labirinto de selva inundada. Sua água, tingida por matéria orgânica em decomposição, parece um "chá escuro". Chega a ter um quilômetro de largura e respira ao ritmo das estações. Entre a seca e a cheia, seu nível pode variar até 12 metros.

"Dessa diferença", conta Varella, "resultam paisagens incrivelmente diversas. Na cheia o rio invade a floresta por muitos quilômetros. Com uma canoa é possível remar no meio das árvores e penetrar a floresta submersa – o igapó – entre os raios de sol que escapam do filtro das copas e incidem sobre a água escura. No ziguezague da canoa entre os troncos esguios, duros como o ferro, do cipoal que trepa até o dossel para expor suas folhas à luz e das árvores seculares povoadas por bromélias, antúrios, orquídeas, casas de térmitas e exércitos de formigas laboriosas, o canto dos pássaros impõe a paz no espírito do visitante".

Olho clínico – O oncologista Drauzio Varella não é um desses hipocondríacos do meio ambiente, que traduzem todos os ruídos da Amazônia em gemidos de agonia. Ele acha que ela é grande demais para as motosserras. Mas tem um olho clínico para as sutilezas de sua paisagem transitória. Numa viagem, diz ele, a equipe gravou uma entrevista com o sertanista Orlando Villas Bôas numa ilha na confluência com o rio Jaú. "Tinha cerca de um quilômetro quadrado de areia branca como a neve, e tão delicada que cantava sob nossos pés. Nem um fiapo de grama; tudo branco, estéril, em contraste com as águas escuras que a rodeavam. Era uma ilha efêmera, em poucos dias foi encoberta pelas águas para nunca mais aparecer nesse ponto do rio".

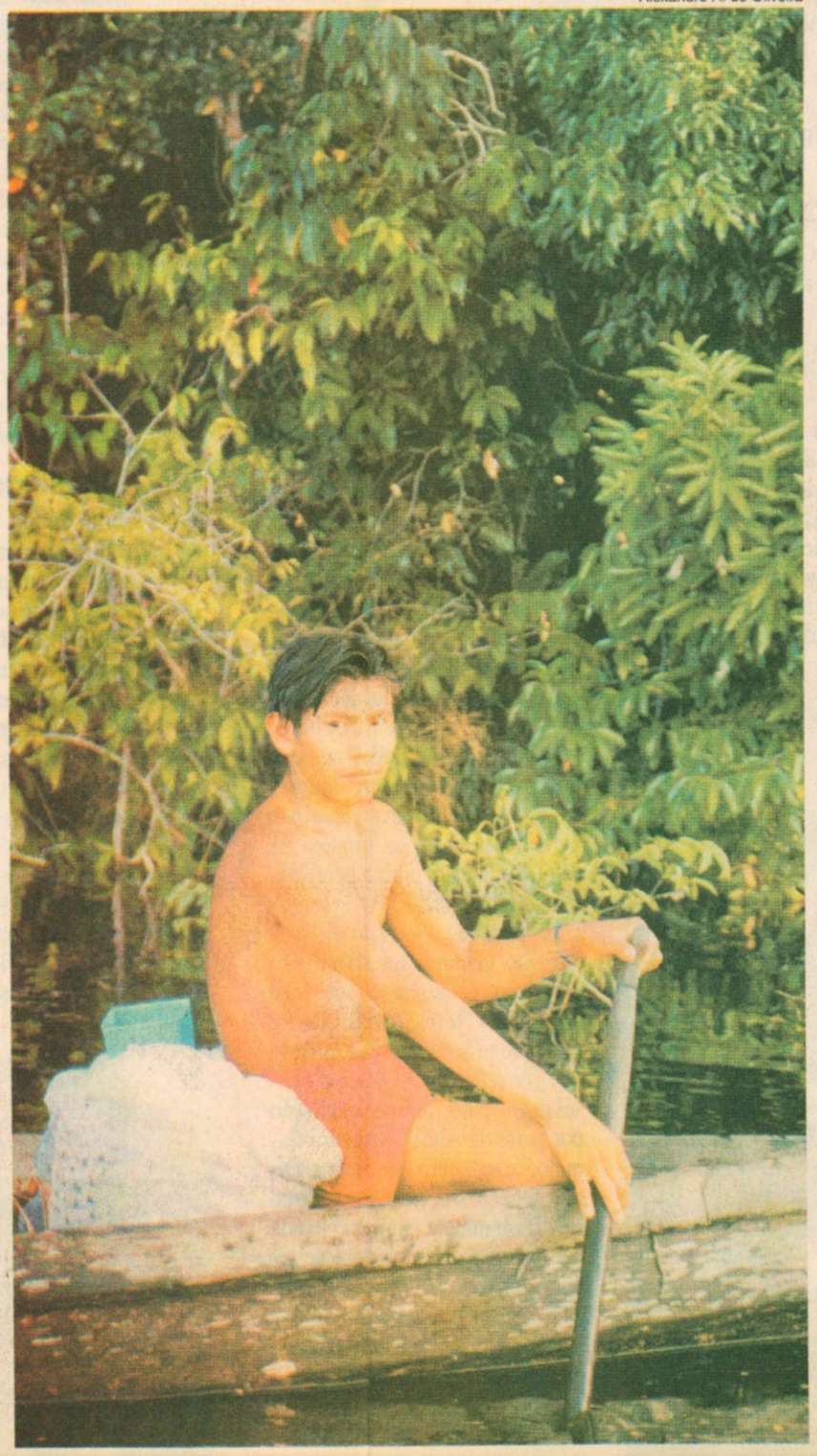
E, talvez pela tarimba de consultório, é perito em gente. Cercado de cientistas por todas as páginas, inclusive um curador do Jardim Botânico de Nova York, ele gasta três parágrafos com o mateiro Luiz Coelho, guia das expedições: "Representante de uma geração quase extinta de botânicos práticos que aprendeu a profissão no campo, seu Luiz é conhecedor profundo da flora amazônica. Em todos os pontos da mata, parece capaz de identificar qualquer família de planta, muitos gêneros e até espécies, com precisão. Conhece os nomes científicos e os populares, descreve detalhes anatômicos e fala de pesquisadores que se especializaram naquela família. Vi botânicos de renome internacional calarem-se humildes diante de sua sabedoria".

Florestas do Rio Negro é um livro exótico. Tem tamanho, papel e cores das edições de artes. Mas cada um dos autores de seu texto levou a sério a tarefa de ter alguma coisa para dizer. Há capítulos sobre os problemas de conservação daquela floresta, onde 80% das árvores só existem ali. Sobre o grande estoque de remédios guardados nas plantas do Rio Negro. Ou o que acontece quando se abrem clareiras em suas matas. E o botânico Douglas Daly, ao reconstituir a história dos exploradores que subiram o Rio Negro, acaba mostrando que a Amazônia ainda não está perdida. A tripulação do gaiola Escola da Natureza, mais de 200 anos depois, fotografou as mesmas cenas gravadas pelos artistas da Viagem Philosophica que o baiano Alexandre Rodrigues Ferreira fez no Rio Negro em 1783.

Florestas do Rio Negro, Alexandre Adalardo de Oliveira e Douglas C. Daly. Coordenação de Drauzio Varella. Companhia das Letras, 340 páginas, R$ 70

Colaborou Tito Montenegro

Alexandre A. de Oliveira



Reprodução

Habitante das margens do Rio Negro (E); tikunas em gravura do livro Viagem Philosophica*; perereca se esconde no verde*

Gustavo Accacio

Gustavo Accacio

Alberto Vicentini

A cor viva da cobra-papagaio (acima) *se destaca na vegetação, assim como a da rã* (abaixo)*; cipós retorcidos* (D) *são comuns na paisagem da região*

Gustavo Accacio